

SERMAO  
HISTORICO,  
PANEGYRICO,  
E MYSTICO

Da Sagrada , e prodigiosa Imagem  
D O

SENHOR JESUS  
D A S  
NECESSIDADES,

NO REAL CONVENTO DE SANTA CITA  
da Serafica Provincia de Portugal , em que se dá individual  
noticia da sua origem , progressos , e milagres ; cujo Ser-  
mao prégou de tarde em 14 de Septembro de 1755.

O M. R. P.

Fr. MANOEL DE N. S. DA OLIVEIRA,

*Leitor , que foi , de Theologia Moral , e actualmente no dito  
Convento , Mestre de Casos praticos , e especulativos na  
mesma Theologia Moral.*

Dado ao prélo , offerecido , e dedicado aos Devotos de taõ  
prodigiosa Imagem

P O R

MANOEL ANTONIO GRACIA.



COIMBRA:

Na Officina de LUIS SECCO FERREIRA , Anno de 1757.  
*Com as licenças necessarias.*

L2841

2/577

STERRMANN  
PAMPHLET  
DE...  
SENHOR JESUS  
NECESSIDADES  
O M. R. P.  
FALCÃO DENYS DA OLIVEIRA

Ls	Ls
18	252.02
63	04838



DEDICATORIA  
AOS DEVOTOS DA SAGRADA IMAGEM  
DO  
SENHOR JESUS  
DAS  
NECESSIDADES

Do Real Convento de Santa Cita.



*QUEM* havia o meu affecto offerer, e dedicar este Sermaõ da Sagrada, e prodigiosa Imagem do Senhor JESUS das Necessidades do Real Convento de Santa Cita? Se não a vós ò preclaros devotos desta mesma protentosa Imagem. Porque, se o seu Author nelle se empenhou com toda a efficacia, mostrar a origem, progressos, e milagres deste prodigio Divino: havendo eu de dar ao prælo obra taõ devota, e proveitosa; razão

A 2

era,

Faculdade de Filosofia

Ciências e Letras

Biblioteca Central

era , que só a vós a dedicasse , e offerecesse ; pois ereis os mais empenhados em a certa noticia desta maravilha.

Ao mesmo Author deveis mais agradecer esta liberal offerta , não só , porque teve o zelo , e trabalho de prégar de repente , na falta de outro Prégador no dia da Exaltação da Cruz de manhã , e de tarde , mas tambem , porque teve multiplicado trabalho , e zelo de escrever depois este Sermaõ , que prégon de tarde , que por ser historico , lho pedi com instancia grande para satisfazer aos fervorosos desejos de muitas pessoas , que não tiveraõ a dita de o ouvir , e pertendiaõ saber com toda a individuação as altas excellencias , e singulares circunstancias deste novo abysmo de tantos prodigios.

Advertindo ; que por ser eu taõ devoto , amante , e obrigado a taõ sagrada Imagem do nosso Redemptor , e visinho deste Real Convento , mando imprimir este Sermaõ , sem o saber o seu Author , que pela sua grande humildade , de que he legitimo professor , se eu lhe revelasse este meu destino , não havia de condescender com o meu gosto.

O que supposto , como taõ certo , tambem não duvido da vossa grande devoção , que ha de ser de vós bem aceita esta preciosa victima , que vos consagra nas aras do mais fino extremo o meu cordeal affecto ; por ser tanto do Divino agrado este amante sacrificio. O Senhor JESUS das Necessidades vos dilate a vida na sua Divina graça , para o servirdes com alma pura.

Vosso humilissimo servo,

Manoel Antonio Gracia.

# LICENÇAS.

§

## Do S. Officio.

**P**O'de-se imprimir, e não correrá sem nova licença, para o que torne conferido. Coimbra, em Mês, 4. de Mayo de 1757.

*Garrido. Pitta. Váscellos.*

Faculdade de Filosofia

Clências e Letras

Biblioteca Central

## Do Ordinario.

**P**O'de-se imprimir, e torne conferido, sem o que não correrá. Coimbra, e de Mayo 8 de 1757.

*Teixeira.*

Do

---

# Do Paço.

*Approvaçãõ do M. R. P. M. Fr. Joaõ Franco da  
Ordem dos Prégadores, Qualificador do  
Santo Officio, &c.*

S E N H O R.

**V**I o Sermaõ, que se apresenta, e naõ achey nelle cousa alguma contra as Reaes Ordens de V. Magestade, e leys do Reyno; V. Magestade ordenará o que for servido. S. Domingos de Lisboa, 27 de Settembro de 1757.

*Fr. Joaõ Franco.*

**Q**ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Mêsã para se conferir, e taxar, e dar licença para que corra, e sem isso naõ correrá. Lisboa 3 de Outubro de 1757.

*Emauz. Affonseca.*

Re-



*Redemptionem misit populo suo.*

Ex Psalm. 110. v. 8.



UIDAVA eu até agora , que só houvera huma Redempção no mundo ; mas já vejo , que temos hoje no mundo outra nova Redempção. Assim o pertendo mostrar a impulsos soberanos da melhor graça , para glorioso desempenho de tanto applauso , e tanto culto. Mas detêm , discurso meu , o arrebatado impulso , que te eleva à sublime comprehensão de taõ alta idéa ; suspende as volantes azas , que te remontaõ ao preclaro exame de tanta gloria , que poderãõ ser de Icaro os teus vôos , parecendo filhos da fantezã os teus hyperboles. He possível , que , depois que Christo Senhor nosso remio os homens com seu preciosissimo sangue , cuja admiravel obra deo por perfeitamente consummada nos braços de huma Cruz : *Consummatum est* , possa eu Joan. c. 19. agora mostrar outra vez remidos os mesmos homens ? Sim : porque , se a primeira vez foraõ remidos no alto do monte Calvario ; agora saõ outra vez remidos neste Real Convento de Santa Cita. No alto do monte Calvario pelo Filho de Deos Crucificado ; neste Real Convento de Santa Cita , por este fiel retrato do mesmo JESUS na Cruz.

Bem

Bem advirto, que pela difficuldade da empreza, temerario parece o meu arrojõ, e muito mais sahindo eu hoje a este sagrado, e publico theatro, de manhã, e de tarde, na falta repentina de outro mayor Orador. Porẽm como ha supplicas, que saõ imperios soberanos, e preceitos indispensaveis; antes quiz cair na censura de intrepido, que na nota de desobediente. Animando-me sempre neste conflicto huma noticia de Santo Agostinho, em que diz; que o antigo Gentilismo dava estrella a Venus, e a negava a Minerva: *Venus habeat stellam, & Minerva non habeat.* Venus era a deosa do amor, Minerva a deosa da sciencia; e deste modo se dava a entender, que naõ a sciencia, sim o amor gozava da melhor estrella: *Venus habeat stellam, & Minerva non habeat.* Logo se a causa destes meus repetidos lances, naõ he a altiva presumpçaõ de labio, pois considero o meu discurso sem azas para taõ altos vôos, sim hum filial respeito, fundado no mais extremo affecto, he sem duvida, que em hum, e outro lance me naõ havia de faltar estrella, que me guiasse em huma, e outra hora; pois logra a melhor estrella, naõ a sciencia mais discreta, e entendida; sim o mais fino, e extremo amor: *Venus habeat stellam, & Minerva non habeat.*

S. August.  
de Civitat.  
Dei.

E assim a influxos primorosos de estrella taõ flameante, entro já animoso a fulcar o profundo pelago da idéa desta tarde, para felizmente sahir a campo de luzes o esperado assumpto do meu Sermaõ. Falla pois David com espirito profetico, e diz nas palavras do meu thema do Psalmo 110. que Deos movido de sua infinita misericordia, mandára huma Redempçaõ ao seu povo: *Redemptionem misit populo suo:* cuja Redem-

dempção gloriosa obrou Christo Senhor nosso, quando obedecendo a seu Eterno Pay, veyo ao mundo padecer morte de Cruz, com a qual ficou remido todo o genero humano. He exposiçãõ do meu doutissimo Padre Lyra: *Tunc enim Deus Pater misit populo suo* I. yr. hic *redemptionem, quando Christus ex obedientia Dei Patris venit ad suam passionem, per quam redemptum est genus humanum.* E que esta redempção fosse da culpa, e da pena eterna, merecida pela mesma culpa, commutando-se em pena temporal, he de fé, e de todos os Theologos. E assim a pena temporal, a que ficaraõ sempre sujeitos os homens, he a morte, como nos adverte S. Paulo: *Per peccatum* Ad Rom: cap. 5. *mors.* Saõ as enfermidades, os trabalhos, as desgraças, e afflicções deste valle de lagrimas: o que tudo explicou o Santo Job, dizendo, que o homem tem a vida breve, e de todas as miserias chêa: *Brevi vivens tempore, repletur multis miseriis.* Job c. 14

O que supposto, admiray agora, Senhores, a mais rara novidade. Veyo das partes da America para este reformado, e religiosissimo Convento esta Sagrada Imagem de Christo Crucificado, com o singularissimo titulo do Senhor JESUS das Necessidades, obrando com ella Deos tantos milagres, e prodigios para com os homens, que não ha necessidade alguma a que não socorra com o remedio prompto; sendo para todos os seus devotos, que buscaõ o seu Divino alylo com viva fé, nas afflicções a mayor consolação, nas desgraças a melhor ventura, nos trabalhos o mais certo alivio, nas enfermidades a mais effe-  
 z faude, e na morte a mais desejada vida; como publicaõ, e testemunhaõ, não só as insignias, quasi innumeraveis, que se vem pendentes nas traves, e

B

pa-

paredes deste sagrado Templo, como padrões de memoria eterna das mais singulares maravilhas; mas tambem as muitas mil almas, que no circulo do anno entraõ neste mesmo Santuario com sacros votos, rendendo as graças ao Senhor JESUS das Necessidades, por tantos beneficios recebidos.

E como diante dos olhos temos continuamente este evidente defengano, segue-se: Que se Deos quiz mandar seu Unigenito Filho do Ceo ao mundo para nos remir na Cruz, da culpa, e pena eterna por ella merecida: agora tambem quiz mandar da America para Portugal esta milagrosa Imagem do mesmo seu Unigenito Filho Crucificado, para nos remir da pena temporal, quaes saõ os males, e calamidades desta miseravel vida. E nesta supposiçaõ indubitavel, parece-me, que posso asseverar livremente; que se tivemos a primeira Redempçaõ em Christo Crucificado; agora se nos offerece outra nova Redempçaõ neste seu fiel retrato; e que de taõ prodigiosa copia posso dizer tambem, o que diz o mesmo David do seu Divino original: *Redemptionem misit populo suo*. Assim o veremos nesta feliz hora; porque se esta manhã me empenhey, em prégar das inexplicaveis glorias do altissimo mysterio deste dia, justo he que de tarde (como prometti) me desempenhe em publicar as admiraveis excellencias do soberano objecto deste festivo culto. O que exporey aos meus ouvintes, naõ só no estylo panegyrico, e mystico, mas tambem no estylo historico. No estylo historico, para dar conta da origem, progressos, e milagres deste Divino Crucifixo; no estylo mystico, para satisfazer a obrigaçaõ de Prégador Evangelico; e no estylo panegyrico, por naõ faltar à solem-  
nidade

nidade de tão festivo, e plausivel obsequio. Sendo que, não divido o Assumpto do meu Sermaõ em tres partes: porèm fundado sempre em hum só discurso, será todo o systema da minha empreza, mostrar; que o mesmo foi mandar Deos para este Real Convento esta Sagrada Imagem do Senhor JESUS das Necessidades, que mandar para todos os seus Devotos huma nova Redempção: *Redemptionem misit populo suo.*

*Entro a discorrer.*

**P**Ara com mais efficacia mostrar aos meus ouvintes as grandes excellencias, e altas prerogativas desta nova Redempção, não posso deixar de começar a expôr os periodos da minha empreza, sem formar primeiro hum reparo grande. He crível, que à vista de tantos, e innumeraveis prodigios, e milagres, quantos obra Deos, tomando por instrumento da tua Divina omnipotencia esta Sagrada Imagem, ainda os povos perguntem admirados, que Imagem he esta, pertendendo saber outra mayor noticia? Parece-me que nelles se verifica o calo dos filhos de Israel, quando caminhavaõ para a terra da Promissaõ. Chovia a estes o maná do Ceo, como diz David: *Pluit illis maná*; e vendo todos, que tão grande beneficio da Divina providencia era o compendio de todas as dilicias para todos os seus gostos: *Omne delectamentum in se habentem*, como diz também o livro da Sabedoria Divina: não cessavaõ de perguntar continuamente, que era aquella celestial dadiva: *Quid est hoc*? O mesmo succede aos Devotos desta Sagrada Imagem, que em innumeraveis

Pfalm. 77.

Sapient. cap. 16.

Exod. cap. 16.

concurfos entraõ neste sagrado Templo. Porque todos extaticos, e suspensos na devota contemplaçãõ deste Divino Crucifixo, vendo a sua rara perfeiçãõ, que mais parece obra das mãos de hum Anjo, que das mãos de hum homem; e admirando juntamente os seus milagres sem conto, e os seus prodigios sem limite, entre pasmos, e assombros perguntaõ continuamente: Que maravilha he esta, ou que novo portento he este: *Quid est hoc?*

Mas se atè agora as respostas, ou só foraõ os silencios mais profundos, ou as admirações mais elevadas; eu o que respondo, he primeiramente: Que menos necessaria me parecia esta pergunta: *Quid est hoc?* quando todos tem diante dos olhos o mais claro defengano. Porque todos estaõ vendo, e admirando, que esta Sagrada Imagem he taõ identica, na razaõ de copia, como o seu Divino Original, que he o mais fiel transumpto de Christo morto na sua Cruz. De tal sorte, que sendo a arte, nos lances de primor, o melhor substituto da natureza; parece, que o mesmo he ver o mesmo JESUS Crucificado em carne, coberto de chagas, e vertendo sangue. A'lem do que, todos os que vem sacrificar a estas sagradas aras, ou vem pedir, ou agradecer, crendo de qualquer modo, que neste Divino Crucifixo tem o melhor maná do Ceo para as dilicias dos milagres à medida dos seus desejos: *Omne delectamentum in se habentem.* E à vista desta certeza indubitavel, para que he necessario inquirir mais nesta materia: *Quid est hoc?* Porèm para satisfazer à devoçãõ de tantos póvos, que naõ poem ainda termo à sua pergunta: *Quid est hoc,* a impulsos do seu continuado assombro; a melhor resposta he a empreza do meu  
Ser-

Sermaõ : Que o mesmo foi , vir esta Sacrosancta Imagem de Christo Crucificado para este religiosissimo Convento , que nella mandar Deos huma nova Redempçaõ ao seu povo : *Redemptionem misit populo suo*. Cujá admiravel Redempçaõ lá tem sua analogia com o maná do Ceo , que Deos liberalizou aos filhos de Israel , para os remir de todas as suas necessidades no deserto : *Pluit illis maná. Omne delectamentum in se habentem*. E seguindo todos este dictame infallivel , logo vem no claro conhecimento deste soberano Portento. E eu o mostro melhor agora com o exemplo do Divino Original desta mesma Sagrada Copia.

Tendo o Baptista noticia das maravilhas de Christo , lhe mandou perguntar por dous de seus Discipulos , se era elle o Messias promettido para Redempçaõ daquelle povo : *Tu es , qui venturus es , an alium expectamus ?* E não querendo o Senhor dizer com palavras , o que era , só quiz manifestar se com os milagres , que obrava. Que dava vista aos cegos , pés aos aleijados , faude aos enfermos , e vida aos mortos : e que dessem esta resposta ao Baptista , como testemunhas de ver , e ouvir : *Ceci vident , claudi ambulant , leprosi mundantur , mortui resurgunt*. Mas se toda a resposta deve concordar com a pergunta , como he axioma praticado ; porque responde Christo pelo que obra , e não pelo que he , já que os exploradores do Baptista lhe perguntaõ o que he , e não o que obra : *Tu es , qui venturus es , an alium expectamus ?* Grandemente responde a esta duvida o Antissimo Sylveira : *Hæc autem miracula aperte demonstrabant , Christum , verum Messiam*. Diz o Padre , que os milagres de Christo claramente mostra-

Matth. cap. 11.

Sylv. tom. 3. in Evangel. l. 5. c. 13. q. 14. n. 57.

tra-

travaõ, que elle era o verdadeiro Messias, que esperavaõ; porque milagres de taõ superior esfêra argumentos eraõ infalliveis, que elle era o novo Redemptor taõ desejado. E quando as maravilhas, e prodigios, que se obraõ, assim taõ claramente desenganaõ, naõ saõ necessarias mais perguntas, nem mais respostas: *Tu es, qui venturus est, an alium expectamus? Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, mortui resurgunt.*

Testemunhas deste caso o povo da Villa de Abrantes, e os Religiosos deste Convento.

Estamos em o nosso caso, e assim suspendaõ se já todas as vossas perguntas; porque quem melhor agora responde a ellas, he este mesmo Divino Crucifixo com os seus milagres, e prodigios. Os cegos alcançaõ vista: *Cæci vident*, como verificação tantos olhos de cera, e de prata, quantos se guardaõ neste archivo de tantas maravilhas, em memoria das innumeraveis pessoas, que estando quasi cegas, conseguiraõ as melhoras desejadas, sendo especial entre todas huma mulher da Villa de Abrantes, que naõ vendo cousa alguma, haviaõ vinte annos, de repente começou a ver na presença desta Sagrada Imagem, cujo alto beneficio veyo muitas vezes agradecer a Deos neste Templo, publicando em altas vozes milagre taõ extraordinario. Os aleijados andaõ: *Claudi ambulant*, como testemunhaõ tantas moletas, quantas tendes aqui diante dos vossos olhos: de forte, que vindo a este Templo em moletas tantos aleijados, aqui as largaõ, recolhendo se nos seus pés para suas casas. Os enfermos saõ restituidos à melhor faude: *Leprosi mundantur*, como publicação tantos paineis, e tantos quadros, tantas cabeças, peitos, braços, corações, e pes tambem de cera, em tanta quantidade, que já naõ cabem nas paredes deste Santua-

tuario; de forte, que todas as mais insignias dos milagres, que vierem, só terão lugar nas paredes do nosso claustro. Os mortos resuscitam: *Mortui resurgunt*, como manifestaõ os muitos centos de mortualhas, que das cabeceiras dos moribundos, já desprezados dos Medicos, e dos agonizantes sem esperança de vida, se trasladaraõ para este Sacro domicilio, para serem nelle tremulantes estendartes das mais celebres victorias, e inclytos triunfos. E à vista destas realidades, que temos diante dos olhos, que conclusão devemos tirar agora? Se não, que nesta Sagrada Imagem do Senhor JESUS das Necessidades, temos o novo Redemptor, que mais podiamos esperar, e appetecer para redempção da nossa pena temporal, quaes são as enfermidades, e miserias da vida humana, a que estamos sujeitos pela culpa. E com estes taõ claros defenganos não são necessarias mais perguntas; se não crer o que se vê, e o que se ouve: *Euntes renuntiate Joanni, quæ audistis, & vidistis: Cæci vident, claudi ambulant, leprosi mundantur, mortui resurgunt.*

Mas para mayor confirmação da minha empreza, em que vou mostrando, que temos huma nova Redempção neste Divino Crucifixo; quero mostrar agora a sua origem, progressos, e milagres com toda a individuação; e assim ficará de todo desempenhado o meu Assumpto, e tambem em tudo satisfeita a vossa devoção. Sahio deste religiosissimo Convento para as terras da America hum nosso Irmaõ Leigo de vida exemplar, e reformada, mandado pela tanta obediencia, para pedir com Provisão Regia esmolas naquelles opulentos climas para as obras do nosso Real Convento de S. Francisco de Lisboa.

De.

Depois que desembarcou na Cidade da Bahia, e andou diversos paizes do seu Sertão, teve o feliz encontro de hum homem preto, insigne Estatuario, no qual depositou Deos o singularissimo dom desta difficulosa, e estimavel arte. Logo que o Religioso vio, e admirou as obras deste singular artifice, lembrado, que no Capitulo deste nosso Convento havia huma Imagem de Christo Crucificado, que por muito antiga, tinha padecido algumas inclemencias do tempo, lhe pedio, que lhe fizesse outra com a melhor perfeição da arte, onde pudesse chegar a sua idéa, para vir esta substituir o lugar daquella. Metteo o bom preto as mãos à obra, e sahio à luz com esta nova maravilha, sendo elle mesmo não só o Pausanias de taõ peregrino artefacto, mas tambem o Apelles de sua singular pintura.

Div. Boavent. de trib. temp. cap. 7.

Lembra-me, que escreve o meu S. Boaventura, que os Ethiopes do reino de Malabar fazem tanta estimação da côr negra, que preferem esta à côr branca; por cuja causa, quando pintaõ alguma Imagem de Christo, não he de branco, mas sim de preto: *Apud Æthiopes quanto quis nigrior, tanto pulchrior reputatur. Unde dicitur, quod apud eos Imago Christi colore nigro depingitur.* Não imitou este preto àquelles Ethiopes da sua côr; porque na verdade, já mais bem instruido nos dogmas da nossa Fé, quiz sahir à luz com esta fiel copia, sem faltar à realidade do Original. Lá parece, que com a mais discreta elegancia, quiz imitar, não menos que a Esposa dos Cantares. Porque, sendo esta de cor negra, e prestando-se de ser assim muito formosa: *Nigsum, sed formosa*: querendo em certa occasião mostrar às filhas de Jerusaleem hum retrato do seu querido

Cant. c. 1.

rido Esposo, que ellas lhe pediaõ com todo o excesso: *Qualis est dilectus tuus?* Ihes pintou no visto-<sup>Ubi supra cap. 5.</sup> quadro da sua primorosa idéa com os subtis pin-  
ceis de sua doce eloquencia o seu Esposo candido, e rubicundo: *Dilectus meus candidus, & rubicundus.* Sem duvida, que como o Esposo era por candido, e rubicundo, huma mystica figura de Christo Crucificado, candido, por sua propria innocencia; e rubicundo, pelo sangue, que havia de derramar para nos remir, como dizem muitos Santos Padres, referidos pelo meu Douto Pólo: *Candidus, propter innocentiam; rubicundus, propter Passionem;* havendo a Esposa de sahir à luz com este singular retrato,<sup>Ap. Pol. tom. 4. mansion. encomi. n. 78.</sup> não podia faltar à verdade da pintura, como taõ fiel ao seu dilecto Esposo, supposto tivesse exteriormente os accidentes de cor negra: *Nigra sum.*

Esta foy a mayor singularidade da Esposa dos Cantares, e esta de algum modo se admira no primoroso Artifice desta prodigiosa Imagem. Pois sendo hum preto, e prezando-se muito de sua côr, como a mesma Esposa dos Cantares: *Nigra sum, sed formosa,* illustrado do Ceo, delineou este admiravel retrato do nosso Redemptor, com tanta fidelidade, que sobre montes de neve esculpio rios de liquidos Rubins; não se podendo distinguir esta pintura daquella, que fez a Esposa, retratando ao seu amado Esposo: *Dilectus meus candidus, & rubicundus. Candidus propter innocentiam, rubicundus, propter Passionem.* O' venturoso preto, pois quiz Deos, que das tuas mãos sahisse a verdadeira Imagem do seu Unigenito Filho Crucificado, taõ perfeita, e milagrosa, que todos nella vemos huma nova Redempção. Assim o permittio o Altissimo para mayor bra-

zaõ da sua Divina Omnipotencia ; pois quando toma por instrumentos das suas raras maravilhas os mais humildes abatimentos, entãõ se exaltaõ mais os seus Divinos attributos. Da terra preta nasce a flor mais bella, da arêa preta sahe tambem o ouro mais luzido, da obscura concavidade da bronca penha vem à luz o diamante mais resplendescente, e das trevas da noite opáca refuscita o Sol mais luminoso. Esta he a maxima Divina nos primorosos lances de sua admiravel providencia, para mais glorioso timbre de seu soberano Imperio. E esta a razaõ ; porque permittio Deos, que das mãõs de hum homem rustico, e preto sahisse esta Sagrada Imagem, como Sol o mais flameante, como diamante o mais polido ; como ouro, o de mais quilates ; e como flor, a de mais fragancias, para remedio, luz, e Redempçaõ de todos os nosos males: *Redemptionem misit populo suo.*

Tanto que o Religioso vio satisfeito o seu ardente zello, e desempenhado o seu mayor disvélo : levou a Sagrada Imagem ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor Arcebispo da Bahia para a benzer, e lhe pôr o devoto nome, com que se havia de venerar. Assim o fez este grande Principe da Igreja, hoje existente, todo banhado em jubilos da mayor ternura ; porque benzendo-a com toda a solemnidade, e lançando em hum vaso muitos escritos de diversas invocações de Christo Crucificado, sahio por sorte, que se chamasse esta Imagem Sagrada: O Senhor JESUS das Necessidades. A esta qualidade de sortes chamaõ os Theologos *Consultoria*, que he ( como diz Laureto ) quando os homens duvidosos em qualquer resoluçaõ, entraõ confiadamente a consultar a vontade de Deos: *Sors est res in dubitatione humana,*

Theatr.  
Vit. hum.  
lit. S. verb.  
Sors.  
Sylv. alleg.  
verb. Sors.

*na, divinam judicans voluntatem.* O que nem sempre he licito ; porque para nos governarmos, deixou Deos a doutrina da sua Igreja, e dos Santos Padres, e quer, que em as nossas duvidas nos governemos tambem pelo conselho dos Varões pios, e prudentes. Porém he licito, e permittido, como no presente caso, quando os homens, desconfiando de si mesmos, fundados na mais santa humildade, se poem nas mãos de Deos, e só querem o que for mais de seu Divino agrado. E quando os homens deste modo lançaõ sortes, sempre estas correm por conta do mesmo Deos, como diz o Espirito Santo nos Proverbios: *Sortes* Proverb. cap. 16. *mittuntur in sinum, sed à Domino temperantur.*

De cujo Divino Oraculo resolve o mesmo Laureto, que a sorte, que sahe com a referida circumstancia, sempre he dadiva do Ceo, communicada aos homens por altos juizos do Altissimo: *Sors datur desuper,* Sylv. alleg. ubi supra. *nempe per divinum judicium.* De tudo o referido tiro por conclusaõ, que se o Sagrado nome desta prodigiosa Imagem sahio por sorte, como he certo, claro está, que taõ sacra nomenclatura foy posta por Deos, e naõ pelos homens ; que veyo lá do Ceo, e naõ nasceo cá da terra. E a assim devia ser para se verificar que nesta Sagrada Imagem tinha-mos hum novo Redemptor ; cuja excellencia se verificou tambem no seu divino Prototypo.

Quando o Archanjo S. Gabriel deo a embaixada a Maria Santissima para ser Mãy do Divino Verbo incarnado ; logo lhe intimou da parte do Altissimo, que lhe havia de chamar JESUS: *Vocabis nomen ejus* Luc. c. 1. *JESUM.* Pergunto : E qual seria o mysterio, porque naõ fica a imposiçaõ deste preclaro nome na liberdade, e eleiçaõ, ou da Mãy purissima, que ha de

parir taõ Divino Infante , ou do Pay putativo , que o ha de educar , ou dos homens , com os quaes ha de viver ? A resposta está muy clara , e muy propria ao nosso intento. Disse Philo , que os nomes são os sob-escritos das cousas: *Nomina sunt notæ rerum* , e por esta causa o Doutor Angelico advertio , q̃ estes deviaõ corresponder às propriedades do q̃ se explica: *Nomina debent proprietatibus rerum correspondere*. E como o Verbo Divino vinha do Ceo à terra , vestir-se da nossa Natureza , para ser o nosso Redemptor , que para este desejado fim o chamavaõ os Patriarcas , e Profetas , com toda a ancia : *Veni ad redimendum nos in brachio extento*. Sendo pois , o Santissimo Nome de JESUS , que he o mesmo que Salvador : *JESUS , id est , Salvator* , aquelle que mais explica a propriedade do Redemptor ; pois o mesmo he remir , que salvar ; claro está , que taõ soberano nome , para sua mayor grandeza naõ havia de nascer cá da terra , havia de vir lá do Ceo ; naõ se havia de impôr por determinação humana , sim por disposição Divina ; pois era o admiravel nome do nosso Redemptor: *Veni ad redimendum nos in brachio extento. Vocabis nomen ejus Jesium. Jesus , id est , Salvator*.

E à vista de tanto mysterio , quem naõ dirá agora , movido da fé mais pia , que a imposição do Sagrado nome desta prodigiosa Imagem lá teve sua similhaça com a imposição do Santissimo nome do Divino Verbo incarnado ; porque se esta correo por conta de Deos , mandando hum espirito celeste à terra : *Missus est Angelus Gabriel à Deo* , para declarar taõ soberano , e Divino nome: *Vocabis nomen ejus Jesium* ; tambem a invocação deste Sacrosanto Crucifixo correo por conta do mesmo Deos ; pois o  
mes-

mesmo foy sahir por sorte , que se intitulasse o Senhor JESUS das Necessidades, que nessa mesma sorte termos huma embaixada lá do mais sagrado Olympo, em que se nos declarava taõ preclara invocação por alto juizo do mais supremo Numen: *Sors datur de super , nempe per divinum judicium.* E assim parece devia ser ; porque se o Verbo Divino incarnado, com o seu Santissimo nome de JESUS: *Vocabis nomen ejus JESUM* , havia de ser o Redemptor da nossa culpa, e pena eterna: *Veni ad redimendum nos,* tambem esta sua Sagrada Imagem, com o singularissimo nome do Senhor JESUS das necessidades, havia de ser a redempção da nossa pena temporal: *Redemptionem misit populo suo.*

Tratou o Religioso de remetter para Portugal esta Sagrada Imagem, e embarcou em hum navio da frota , que vinha para a Cidade de Lisboa. E he de notar , que logo na viagem , no meyo do mar quiz Deos mostrar milagrosa esta Sagrada Imagem, e que nella tinhaõ os homens huma nova Redempção ; porque formando se huma defabrida tempestade, em que todos os mais navios da companhia padeceraõ grande destroço, cuidando se sepultavaõ no abyfmo com a furia dos ventos, e braveza das ondas ; ló a venturosa embarcação, em que vinha esta Sagrada Reliquia, naõ padeceo molestia alguma ; porque recorrendo a ella os navegantes com viva fé, logo começaraõ a navegar com vento em popa, e mar bonança. Este caso taõ digno de memoria os mesmos Marinheiros da Náo o confessáraõ em altas vozes, vindo todos em sacro voto visitar em acção de graças este Divino Crucifixo, quando portou em o nosso Real Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa: do que saõ authenticas

cas testemunhas os Religiosos do mesmo Convento. Mas em tal caso, parece-me, que basta dizer-se, que não podiaõ os navegantes daquella embarcaçãõ experimentar naufragio algum, por mayor que fosse a tempestade, quando navegavaõ com o seu mesmo Redemptor. Vamos à Sagrada Escriptura, que tambem no Prototypo desta Sagrada Imagem, temos a prova deste conceito.

Embarcado Christo Senhor nosso na Barca de S. Pedro com os seus Discipulos: *Ascendente eo in naviculam, secuti sunt eum Discipuli ejus*: logo que se viraõ no mar largo, furioso esse liquido elemento, parecia que sobia às nuvens com tal confusaõ das ondas, e dos ventos, que já fluctuava o baxel, e de todo se hia a pique: *Et ecce motus magnus factus est in mari; ita ut navicula operiretur*. Neste conflicto clamaõ os Discipulos ao seu Divino Mestre, que lhe valha em borrasca taõ tremenda, e os salve de taõ evidente perigo: *Domine, salva nos, perimus*. Quando logo manda o Senhor ao mar, que amanse suas bravezas, e aos ventos, que cedaõ de suas furias; a cujo soberano imperio obedecêraõ de improvisõ, convertendo-se taõ grande tormenta em mar sereno: *Et facta est tranquillitas magna*. Atè aqui o Sagrado Texto, agora entra o meu reparo, e o meu allombro. Pois, se o Divino Mestre logo havia de converter em a mais serena tranquillidade, tormenta taõ defabrida; porque não evita essa tormenta antes de sair com o seu furor, para que os Discipulos não experimentem taõ grande susto? Respondo, que para lhes avivar a fé, de que elle era o verdadeiro Redemptor de todos, pois nel. conhecimento ainda a fé dos Discipulos era muy tenue, do que o Senhor entaõ

os reprehendeo asperamente: *Quid timidi estis modicæ fidei?* De sorte que mais era entã conhecido Christo por verdadeiro Redemptor dos homens pelos milagres, que obrava, livrando-os dos perigos, do que preservando-os delles, por ser tanta a cegueira humana, que não chega a conhecer qual destes he o mais alto beneficio. E neste caso permittio o Senhor a tempestade antes, para fazer o milagre depois, livrando aos Discipulos de serem sepultados no profundo mar; e com tal prodigio conhecessem, que elle era o seu verdadeiro Redemptor, e que nenhum perigo podiaõ temer na sua presença: *Quid timidi estis modicæ fidei? Facta est tranquillitas magna.*

Logo tambem que naufragio podiaõ temer os navegantes da Náo, em que fazia viagem esta Sagrada Imagem do Senhor JESUS das Necessidades, se na sua companhia traziaõ a mais fiel, e prodigiosa copia do nosso Redemptor? Assim o experimentaraõ estes ditos Nauticos; porque, tanto que com viva fé clamáraõ a este Sagrado Crucifixo, que os remisse em tempestade taõ tremenda: *Domine, salva nos, perimus*: pacificos os mares, e serenados os ventos, ficaraõ senhores de huma maré de rosas: *Facta est tranquillitas magna.* E que prodigio foi este? se não querer Deos mostrar, que neste fiel retrato de seu Unigenito Filho Crucificado, nos mandava humana Redempção: *Redemptionem misit populo suo.*

Embarcou-se segunda vez esta Sagrada Imagem da Cidade de Lisboa para a Villa de Tancos, sulcando os liquidos christaes do famoso Tejo, trazendo em popa o Zephiro favonio: mas antes de chegar ao porto desejado, acalmoa de todo o vento, de forte que afflictas as pessoas, que governavaõ a embarcação,

çaõ, lastimavaõ naõ poderem naquelle dia vencer a difficuldade da viagem. Porẽm sabendo todos, que a Imagem de Christo Crucificado, que na sua embarcaçaõ traziaõ, fora milagrosa no mar, julgaraõ (e julgaraõ bem) que tambem podia ser milagrosa no rio; e que assim como no mar tinha clausurado os ventos na mayor tormenta: *Imperavit ventis*; tambem agora os podia soltar em taõ grande calmaria. E pedindo todos a este Divino Crucifixo com viva fé, lhes mandasse alguma viraçaõ para continuarem a viagem, logo de repente começou a refrescar o vento, e a correr a vélas soltas o baxel com toda a bizzarria, de forte que por noite chegaraõ ao porto desejado. Este prodigio foi publico na mesma Villa de Tancos. No qual pondo eu agora os olhos da melhor contemplaçaõ, julgo, que a suspensaõ do vento antes, foi para sair depois a campo com o milagre de conceder outra vez o mesmo vento. Eu me explico com David.

Matth. ubi  
supr.

Pfal. 134.

Diz este no Psalmo 134. que Deos produz os ventos dos seus thesouros: *Qui producit ventos de thesauris suis*: que he o mesmo, que dizer, como expoem Genebrardo, segundo a versãõ Hebraica; que Deos tira os ventos, e os faz sair fóra dos seus lugares escondidos, naõ conhecidos dos homens, como quem os tira, e poem fóra da sua despenza, onde os tem fechados da sua Divina maõ: *Id est, educit, & exire facit de locis absconditis, & homini incognitis... & quasi de abscondito promptuario suo, ubi eos tenet reclusos*. E diz mais Euthymio, expondo tambem este Texto, que o mayor allombro he, que agora manda Deos hum vento, depois outro, e outras vezes nenhum, o que tudo obra por algum fim util, e proveitoso: *Illud autem quam maximum ad-*

Geneb. hic

Euthym.  
apud Lyra  
hic.

mi-

*mirandum est, quod modo hunc, modo nullum Deus ventum emittat, per sepe nullum prorsus: atque hæc omnia ex utilitate.* Donde infiro, que se Deos, como Senhor poderoso, tem as chaves de abrir, e fechar os ventos, e que quando os abre, e fecha, sempre he para algum fim proveitoso, e util: *Hæc omnia ex utilitate*: claro está, que se suspendeo o vento no meyo da viagem, quando vinha embarcada no Tejo esta Sagrada Imagem do seu Santissimo Filho Crucificado, não só foi para huma, mas muitas utilidades.

Foi para avivar a fé dos que guiavaõ a embarcação, que pedissem a Deos vento, e logo seriaõ despachados: *Petite, & dabitur vobis.* Foi para o mesmo Deos mostrar o seu immenso poder, que com a mesma facilidade, com que prende os ventos, os solta, e que os tem sempre promptos, conforme quer, como diz o mesmo Euthymio: *Quod eos Deus semper in promptu habet, cum voluerit.* Finalmente, foi para que vissem os mesmos Navegantes, que pedindo a Deos vento com os olhos neste Sacro sancto Crucifixo, logo o haviaõ de ter à medida do seu desejo; pois em taõ Sagrada Imagem, Ihes mandava o mesmo Deos huma nova Redempção: *Redemptionem misit populo suo.*

Luc. cap. 2.

Euthym. ubi sup.

Assim que portou em terra esta Divina prenda, logo correndo a fama de milagrosa, todo o povo da dita Villa, lhe veyo tributar adorações, com finaes de mayor jubilo, por vir para a sua vizinhança Reliquia taõ Divina, em que todos esperavaõ conseguir todo o seu bem. Era taõ grande o zelo deste devoto povo em querer ver esta nova maravilha, que foi preciso abrir-se o cofre para se patentear a todos

D

taõ

taõ rica , e preciosa joya. E logo que o povo nella poz os olhos, tambem lhe sacrificou as lagrimas ; porque naõ ha quem veja este Divino Crucifixo, que logo se lhe naõ entorneça o coração com vehemencia. Achava-se na mesma Villa huma mulher de Punhete, gravemente enferma, e cõ o juizo perdido haviaõ quatro annos, sem esperanza de melhora alguma; e sendo levada à presença desta Sagrada Imagem , e orando por ella a familia de sua casa , de repente ficou livre de taõ grande mal , e restituída ao seu perfeito juizo, cujo milagre taõ notorio logo se pintou em hum painel, e foi o primeiro, que entrou neste Sagrado Templo. Vendo todos este milagre repentino, deixo à vossa fiel ponderação qual seria entaõ a sua fé, e o seu extremo. O certo he que todos abraçados com este Divino Crucifixo huns lhe beijavaõ os pés, outros as chagas , e todos lhe pediaõ remedio , conforme as suas necessidades , e muitos foraõ logo despachados como pediaõ nas suas petições. Até que sendo conduzida esta Sagrada Imagem para este Religiosissimo Convento , a pezar das saudosas lagrimas de todo aquelle povo ; logo que chegou a este sitio , sahindo os Religiosos da Clausura, tambem a receberam com lagrimas , porèm lagrimas de gosto na feliz posse de tanto bem. E lhe diziaõ todos com ternura da alma , e affectos do coração o que disse David na collocação da Arca do Testamento : *Surge Domine in requiem tuam , tu , & arca sanctificationis tuæ.* Ao que responderia o Senhor depois de se ver collocado neste Sancta Sanctorum : *Hæc est requies mea in seculum seculi : hic habitabo , quoniam elegi eam.*

Agora admiray, Senhores , o mayor prodigio , que só se póde narrar com o mayor palmo , e mayor  
allom-

assombro. Logo em huma sexta feira, dedicada à Paixão de Christo, em que se contavaõ sette de Setembro de 1753. estando este Templo cheyo de povo pelas horas do meyo dia, e os Religiosos no Refeitorio, o R. P. Gabriel Lopes, Clerigo do habito de S. Pedro, natural dos Envendos do Priorado do Crato, vio, e admirou, estando no Altar desta Sagrada Imagem, dando graças ao Senhor depois de dizer Missa, que em muitas partes do corpo da mesma Sagrada Imagem, sobre-fahiaõ sinaes de muitos suores cristallinos, e perplexo com esta sagrada novidade, cuidando que seria illusão da vista, se chegou mais à Sagrada Imagem para fazer de mais perto outro mais exacto exame; e vio clara, e distinctamente, que eraõ tantos os suores, que chegavaõ a regar as muitas petições, que estavaõ lançadas a seus Divinos pés. E assim desenganado este devoto Sacerdote, logo a toda a pressa, veyo à porta do Refeitorio confuso, e pasmado, dizendo em altas vozes: *Padres, acudaõ que está o Senhor suando*: largaraõ os Religiosos logo a refeição corporal para hirem gozar da melhor refeição do seu espirito; e entrando na Igreja acharaõ todo o povo amotinado com a referida novidade; porque huns estavaõ chorando, outros ferindo os peitos com demonstrações de contrição; outros com as mãos levantadas ao Ceo; outros pasmados, e extaticos; finalmente todos gritando no mais confuso labyrintho, dizendo: *Senhor Deus misericordia*; pois não sabiaõ se aquelles sinaes de tantos suores eraõ vaticinios, ou de castigos, ou de favores. O R. P. Prégador Jubilado Fr. João de S. Thiago, chegando reverente à sagrada Imagem com sanguinhos enxugou taõ prodigiosos orvalhos, ou para se aproveitar de

Reliquias taõ sagradas, ou para que naõ cahissem por terra perolas taõ Divinas. E sendo tambem logo chamado a toda a pressa o M. R. P. o Doutor Berardo Correya, Prior da Villa de Aceiceira, Commissario do Santo Officio, e Protonotario Apostolico, para que pela razaõ de sua authoridade passasse fé deste prodigio, e tomasse conta deste caso: e supposto veyo mais tarde por ser meya legoa de jornada de sua casa a este Convento, sempre chegou a tempo, em que fazendo o seu devido exame, se aproveitou de huma gotta de suor do peito deste Sagrado Crucifixo, que ou se tinha conservado, ou nasceria de novo por Divina disposiçaõ, para que este recto Ministro da Igreja fosse a testemunha mais authentica deste notavel successo, o que elle continuamente confessa com bastante fé, ternura, e devoçaõ, dizendo, que a gotta do suor era como huma lagrima, semelhante a hum aljofar; e que segundo os vestigios, que achou, das petições todas molhadas, e vozes, que ouvia dos Religiosos, e de todo o mais povo, naõ podia deixar de ser este caso milagre, e prodigio superior. O R. P. Presidente Fr. Antonio de S. Clemente, logo escreveo esta maravilha, e tomou a rol os nomes das muitas pessoas, que estavaõ presenciando todo o caso referido. E tanto os sanguinhos, como as petições, que foraõ deposito de suores taõ prodigiosos, se dividiraõ em brevissimas particulas, que os povos pediaõ com grande empenho, e guardavaõ como reliquias de mayor estimaçaõ.

Tenho exposto o mayor prodigio desta sagrada Imagem, conforme as noticias, que tenho manifestado, só me resta dar neste caso satisfacaõ da minha empreza para mayor credito deste prodigio. E assim digo

digo que permittiria Deos os fuores desta sagrada Imagem , para que nos acabasse-mos de defenganar , que nella nos mandava o mesmo Deos huma nova Redempção. Porque , se a sua Divina Omnipotencia tem permittido suarem algumas Imagens de Christo, e dos seus Santos, sempre foi para nosso mayor bem, e melhor remedio.

Suou a Imagem de Santo Antonio do nosso Convento de Guimaraens , como escreve o nosso grande, e memoravel Chronista Fr. Fernando da Soledade, de cujo prodigio trata em hum pequeno volume , e de outros mais milagres da mesma Imagem por permissão Divina: e com mais esplendor em hum Sermaõ do mesmo Santo, que elle prégo, e imprimio , para evitar o execrando sacrilegio de hum ladraõ, que pertendia intrepido violar a sagrada immuidade do seu Templo com o mais execrando roubo. Suou tambem, e chorou a Imagem de Christo Crucificado, venerada na Igreja Parochial de hum lugar chamado *Calpe*, do reino de Valença, como refere o meu douto Padre Pólo: *Stupendo miraculo fuit visa sudans, & plorans... indeque sequatur in nobis idoneus effectus pœnitentiæ.* Para estes, e outros similhantes fins permittite Deos, que suem, e chorem algumas das sagradas Imagens, ou de Christo, ou dos seus Santos, que os Catholicos veneraõ nos Altares. Porè esta he a grande differença, que vay destes fuores aos fuores de algumas Estatuas, que idolatravaõ os Gentios. Porque, se houve tempo, como escreve Plutarco, que naõ só suaraõ, mas tambem geraõ, e suspiraraõ muitos desses fementidos Simulacros. Se as Estatuas de Minerva, e Marco Antonio suaraõ sangue, como refere Apolonio: Se a Estatua de Hercules

Fr. Fern.  
da Soled.  
na 1. p. dos  
seus Serm.

Pol. p. 2.  
manl. en-  
com. conc.  
n. 1943.

Plutarc. in  
vita Camil.  
Niriemb.  
1. om. 3. fol.  
346.  
Apol. l. 41.  
Argonaut.

Pol. part. 2.  
encomiast.  
concion. n.  
1970.

Cic. l. 2. de  
Divin. c. 72.

les tambem suou , sendo de bronze , como noticia  
Estacio : *Æneam Herculis statuam sudantem ponit*  
*Statius*. E por ultimo extremo , se os idolos dos  
falsos deoses se viraõ cobertos de suores copiosos ,  
de cuja fatalidade , cheyo todo o imperio Roma-  
no de temor , deo parte ao seu inclyto Senado , como  
refere Cicero : *Nuntiatum est Senatui deorum su-*  
*dasse simulacra*. Todos estes suores agourizavaõ  
guerras , perdições de exercitos , e outras muitas ca-  
lamidades , como consta das mesmas historias profa-  
nas. E não podia deixar de ser assim , que como taes  
suores eraõ fabricados na officina do demonio , não  
podiaõ servir de bons annuncios. Porèm suores , que  
destillaõ milagrosamente as Imagens , ou de Christo ,  
ou dos Santos , como sejaõ effeitos Divinos de hum  
verdadeiro Deos , que todo he de misericordia , e pi-  
edade , sempre saõ vaticinios de benevolencias , e fa-  
vores para mais nos avivar a fé , ou para mais nos  
multiplicar os beneficios. O que tudo se verificou  
nesta sagrada Imagem do Senhor JESUS das Necessi-  
dades ; porque depois que teve estes sinaes de tantos  
suores , começou a ser taõ grande a fé dos povos , e  
a emenda de sua vida , que em innumeraveis turmas  
logo buscaraõ a Deos neste Templo , sendo as suas  
confissoens , e communhoens taõ frequentes , e con-  
tinuas , que desde a manhãa até à noite estavaõ os  
confessionarios cheyos de penitentes todos os dias ,  
os quaes ainda hoje se frequentaõ com o mesmo ex-  
cesso , e com bem trabalho , e zelo dos RR. PP.  
Confessores. E tambem se até aquelle mesmo tem-  
po Deos tinha obrado alguns milagres por meyo de-  
ste Sagrado Crucifixo ; depois que nelles se divisaraõ  
tantos sinaes de suores , foraõ , e saõ tantos os seus  
be-

benefícios para com os seus devotos, dando saúde a todos nas suas maiores enfermidades, e valendo-lhes nas suas mais sentidas afflicções, como tenho exposto, que se não podem numerar, nem comprehender. Assim o mostra a experiencia, e neste caso não he necessaria outra melhor prova, se não concluir, dizendo: que se foi vontade de Deos, que seu Filho Santissimo se visse todo banhado de suores sanguinolentos, para começar a remir a nossa culpa, e pena eterna: *Factus est sudor ejus, sicut guttae sanguinis*: Luc. c. 22. tambem agora seria vontade do mesmo Senhor Omnipotente, que este fiel retrato de seu Santissimo Filho Crucificado, se visse todo coberto de suores cristallinos, para entrar a remir a nossa pena temporal; e com suores tão maravilhosos: *Factus est sudor ejus*, ficasse-mos nós de posse de tão gloriosa Redempção: *Redemptionem misit populo suo.*

Estes são os admiraveis progressos da maravilhosa Imagem do Senhor JESUS das Necessidades, nunca sufficientemente bem explicados; porque nunca, por tão sublimes, bem comprehendidos. Porém aonde não chega a minha comprehensão, ou narrativa nesta Redempção tão gloriosa, supprirá a confissão publica dos mesmos, que foraõ, e são remidos por tão Divino Redemptor. E eu me acabo de explicar com outro Texto de David. Falla este no Psalmo 106. da Redempção, que Deos antigamente mandou aos filhos de Israel, quando sahiraõ do captiveiro do Egypto para a terra da Promissão: e diz, que o mesmo Deos os soccoria em todas as suas necessidades, quando a elle clamavaõ em todas as suas tribulações: *Clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, & de necessitatibus eorum eripuit eos.* E vendo o mes-

mo.

mo David, que os milagres, e prodigios, que entã obrava a Divina Omnipotencia para remir as necessidades daquelle povo, lhe naõ cabiaõ por muitos, e portentosos nos rasgos da penna, com que escrevia, nem nos tropos da Rethorica, com que fallava, remetteo a narraçaõ de taõ excelsas, e preclaras maravilhas aos mefimos remidos por taõ Divino Redemptor: *Dicant, qui redempti sunt à Domino*: porque ló estes, fallando com as proprias experiencias, podiaõ ser os clarins da melhor fama, as testemunhas de mais fé, e os abonadores de mais credito. O mesmo digo eu agora. Já que naõ cabe na minha limitada esfera a narraçaõ dos innumeraveis, e incomprehenfíveis milagres, e prodigios, que Deos obra por meyo deste Sacrosancto Crucifixo, justo he, que fallem agora as creaturas, que recebêraõ taõ altos beneficios, que como remidas nesta nova Redempçaõ, só ellas podem melhor publicar tantas glorias, e maravilhas do Altissimo: *Dicant, qui redempti sunt à Domino. Dicant confessionem, scilicet.*

Diga primeiramente a Senhora Santa Cita, nossa inclita Padroeira, o que sente de Redempçaõ taõ prodigiosa, pois a considero tambem remida por esta Sagrada Imagem. Porque sendo esta famosa heroína nossa Santa Portugueza aquella, q̃ occultamente deo a crear Santa Quiteria, e as suas oito Irmans, quando a barbara mãy chamada Calcia, mulher de Lucio Catellio, Regulo de todo o districto de Braga, ambos professores da idolatria, as mandava affogar, envergonhada de ter de hum só parto nove filhas, as quaes depois instruidas em a nossa Santa Fé Catholica pela mesma Santa Cita, vierã a ser Martyres de JESU Christo. E ardendo tambem Santa Cita

na

Pfalm. ubi  
sup.

Geneb. hic

Hist. Sera-  
ph. do P.  
Esp. da  
Prov. de  
Port. p. 2.  
cap. 35. 36.

Julian. in  
advers. 11.  
n. 317.  
Hist. Eccl.  
de Lisb. p.  
1. cap. 14.  
n. 4.

na frágua de alcançar a mesma palma do martyrio; neste valle deo a garganta ao cutello, em cujo valle, que hoje nos serve de fertil Cerca, foi sepultada pelos Catholicos, e aqui lhe consagrou a devoção huma pequena Ermida, que sendo depois dada aos nossos Religiosos para fundarem neste sitio Convento, co-  
meçou esta Santa a ser tão milagrosa, que de huma cova do seu Templo se tirava terra, com que se curava todo o genero de enfermidades; e na cerca, onde está occultamente sepultado seu sagrado corpo, nascião humas flores brancas, como açucenas, respirando taes fragancias, que de longe attrahião os passageiros. E era tão grande o concurso do povo, que vinha a este Templo por causa dos milagres de Santa Cita, que continuamente estava cheyo este Templo dos seus devotos; sendo o dia do mayor concurso a segunda oitava da Pascoa, chamando a este dia o *dos Perdoens*. Como se fora o mesmo visitarem os povos a Santa Cita, que alcançarem indulgencia plenaria.

Porém pela continuação dos annos, esquecendo-se os povos de Santa Cita, tambem esta Santa suspendeo os seus prodigios; que ninguem póde receber mercês sem apresentar memoriaes. Já o seu sagrado Templo estava deserto, e os caminhos para este Santuario choravaõ por não haver quem os frequentasse, vindo celebrar a sua maior solemnidade: *Via Sion lugent, eo quod non sint, qui veniant ad solemnitatem*. Mas como Deos não quer, que se percaõ as memorias dos seus Santos: *In memoria eterna erit justus*: permittio, que esta Sagrada Imagem do Senhor JESUS das Necessidades viesse renovar as memorias de Santa Cita; porque não ha hoje, quem ve-

E nha

nha visitar este Sacrosancto Crucifixo, que não visite  
 tambem esta gloriosa Santa, ficando taõ prodigiosa  
 Virgem, e Martyr com a inexplicavel gloria de Fenix  
 renascida. E se antigamente o dia de sua festa se cha-  
 mava *o dia dos Perdoens*; este se vê hoje transforma-  
 do, não só em hum, mas em muitos dias de indulgen-  
 cias, concedidas pelo Eminentissimo, e Reverendissimo  
 Senhor Cardial Patriarca D. Thomás Primeiro em to-  
 das as sextas feiras, e nestes tres dias da festa do Senhor  
 JESUS, a todas as pessoas, que visitarem o seu Altar  
 neste Templo de Santa Cita. E à vista destas graças,  
 e das mais excellencias referidas, claro está, que ve-  
 yo esta Sagrada Imagem de Christo Crucificado re-  
 mir tambem esta gloriosa Santa do grande esqueci-  
 mento, em que estava a sua devoção. E sendo assim  
 taõ gloriosamente remida esta nossa inçlyta Padroeira,  
 justo he, que ella mesma seja agora de taõ admi-  
 ravel a primeira testemunha: *Dicant qui redempti  
 sunt à Domino.*

*Templo*  
 Hist. S. do  
 P. Esp. ubi  
 sup. cap. 33  
 & seqq.

Diga tambem, e publique este Real Convento  
 com os seus Religiosos as glorias desta mesma nova  
 Redempção. Porque sendo este Convento hum dos  
 principaes, e mais antigos desta nossa Santa Provin-  
 cia de Portugal, no qual florecêraõ varoens verdadei-  
 ramente Apostolicos, ornados de tantas virtudes,  
 como consta da noticia de suas preclaras vidas; e  
 sendo tambem perfilhado por ElRey D. Manoel,  
 por D. Joaõ III. e pela Rainha D. Catharina, na me-  
 nor idade de ElRey D. Sebastiaõ, chamando-lhe es-  
 tas tres Magestades Convento seu, e dando-lhe o  
 privilegio de Real Convento; porque o reedificáraõ,  
 e fizeraõ todo de novo. E supposto os seus edificios  
 nunca fossem mayores, que os que temos hoje à vis-

ta, não era, porque os Reys então temessem dispendios de sumptuosas fabricas; sim, porque os Religiosos daquelle santo tempo, como eraõ verdadeiros observantes da sua santa Regra, só queriaõ huns habitaculos pobres, e humildes, como muito nos recommenda o nosso Patriarcha S. Francisco no seu santo Testamento: *Caveant sibi Fratres, ut Ecclesias, & habitacula, & omnia alia, quæ pro ipsis constructuntur, penitus non recipiant, nisi ãessent, sicut decet sanctam paupertatem, quam in Regula profitemus.* Porèm neste pouco se encerrava muito; pois então era este Convento casa de Noviciado, com vinte Religiosos moradores, e lograva muitos privilegios, concedidos pelos referidos Monarcas, e tambem por ElRey Philippe o I. que vindo às Cortes, que se celebráraõ em Thomar, aqui descansou alguns dias, razaõ, porque ainda hoje o cubiculo, em que se hospedou, se chama a *casa de ElRey*. Por estas, e outras muitas razões era este Convento muito respeitado, e com bastante abundancia para a conservaçaõ da vida humana. Mas mudando-se os tempos, que nada tem de permanentes, se mudou tambem a fortuna deste Convento; porque sendo desemparedado dos povos sem esmolas, e sem ter com que alimentar os seus Religiosos, estes se viraõ obrigados a fundar outro Convento na Villa de Thomar, com a tençaõ de se demolir este de todo, e se arrazar por terra. Porèm Deos, que o pertendia remir agora com mais gloria, sempre o foi sustentando em pé, supposto que com poucos Religiosos, e estes vivendo na mayor miseria. Mas estas saõ as maximas do Altissimo, que muitas vezes permite desemparos, penurias, e trabalhos, para sahirem depois a cam-

Testam.  
S. Franc.

po cõ mais esplendor as suas misericordias, e grandezas. E assim o vemos ditosamente praticado; porque depois que Deos mandou para este Convento esta Sagrada Imagem do seu Santissimo Filho Crucificado, já o vemos restituído à sua antiga primitiva, tendo já os vinte Religiosos moradores com mayor abundancia, e fartura que em outro qualquer tempo. Já nelle o culto Divino he frequente com toda a perfeição, já se vaõ reparando todas as suas ruinas, e já finalmente este deserto se vê convertido em hum continuo povoado. E como assim com tanta gloria vemos remido este Real Convento por este Sacrosancto Crucifixo; razaõ he tambem que este mesmo Convento, com todos os seus habitadores sejaõ os fideis abonadores da minha empresa, publicando como remidos, as evidencias desta nova Redempção: *Dicant qui redempti sunt à Domino.*

Por ultima conclusaõ digaõ, e publiquem esta nova Redempção tantas, e taõ innumeraveis pessoas, que se achaõ remidas por esta Sagrada Imagem do N. Divino Redemptor: Os navegantes, e os enfermos, os moribundos, os afflictos, que saõ sem numero, os quaes todos, como tenho exposto, nas suas mayores tribulações clamando ao Senhor JESUS das Necessidades com viva fé, logo acharáõ de todas as suas necessidades a Redempção mais gloriosa: *Clamaverunt ad Dominum, cum tribularentur, & de necessitatibus eorum eripuit eos.* E assim he razaõ, que seja, porque para dar ecco em todo o ambito do Orbe Redempção taõ soberana, só os remidos com milagres taõ portentosos, he, que podem ser os competentes pregoeiros de prodigios, e tantas maravilhas: *Dicant qui redempti sunt à Domino.* Este foi  
o al-

o altissimo pensamento de David, quando quiz expôr a todo o mundo a antiga Redempção, que Deos mandou ao povo de Israel, sahindo do captiveiro do Egypto: e este he tambem todo o systema da minha empreza, narrando a nova redempção, que o mesmo Deos agora nos quiz mandar nesta Sagrada Imagem de JESUS Crucificado: *Redemptionem misit populo suo*. E como não posso subir mais alto de conceito, aqui já abato as azas do meu discurso, e suspendo os voos da minha idéa. E só he justo, que por coroa de toda a obra, fallem os milagres, que Deos nos liberaliza por meyo desta Sagrada Imagem, porque só elles tem as melhores vozes, para nos darem os mais proveitosos documentos.

Perguntemos pois como nos recômda Santo Agostinho àquelles milagres soberanos, e Divinos, que he, o que nos dizem, e o que nos fallaõ; porque sendo de nós bem entendidos, todos tem linguas Divinas, com que nos fallaõ às portas da alma: *Interrogemus miracula, quid nobis loquantur: habent enim, si intelligantur, linguam suam*. Sabeis, Senhores, o que nos fallaõ, e o que nos dizem com eccos mudos, porèm os mais despertadores: que à vista de tantos beneficios nos mostremos a Deos verdadeiramente agradecidos; pois he de tanta misericordia, e piedade, que depois de nos mandar seu Unigenito Filho do Ceo à terra para nos braços de huma Cruz nos remir da culpa, e pena eterna; agora nos quiz tambem mandar da America para Portugal este fiel retrato do mesmo seu Unigenito Filho Crucificado para nos remir da pena temporal. E à vista de huma, e outra Redempção. *Redemptionem misit populo suo*, justo he, que os seus Divinos louvores sejaõ tam-

D. August.  
tract. 24. in  
Joan.

tambem frequentes em as nossas linguas. E como não ha lingua, que dignamente louve a Deos, sem primeiro se purificar de toda a culpa na fonte da penitencia, tratemos de buscar esta com a mais heroica contrição; porque só deste modo seráo as nossas acções gratulatorias mais do Divino agrado, para Deos nos continuar os fructos desta nova Redempção, quaes são os portentosos milagres do Senhor JESUS das Necessidades: *Qui vivit, & regnat in secula seculorum. Amen.*

FINIS.

